

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

20 de Março de 1914

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1268

S. A. o Principe Henrique da Prussia de passagem em Lisboa



PRINCIPE HENRIQUE DA PRUSSIA E SUA ESPOSA A PRINCESA IRENE
DESEMBARCANDO NO CAES DAS COLUNAS

Nós não pudémos compreender esse Grande-Homem e foi necessario que a estranja nos ensinasse a admirá-lo. Em 1892, no prefacio dum livro, publicado em Oxford, dizia-se:

«Affonso d'Albuquerque foi o primeiro europeu, depois de Alexandre Magno, que sonhou estabelecer um imperio na India, ou antes, na Asia, governado da Europa.»

O dr. A. C. Burnell afirma perentoriamente:

«A verdadeira historia dos portuguezes na India dá a mais importante de todas as direcções para a actualidade e as asserções feitas vulgarmente ácerca dessa historia são completamente falsas, especialmente no respeitante á historia eclesiastica.»

E Morse Stephens, sem hesitações nem restrições, escreve:

«A sua attitude não é diferente da adoptada pelos inglezes trezentos anos depois, e é uma notavel concepção para um estadista logo no inicio do seculo XVI.»

CRONICA OCCIDENTAL

Ha dias, recebemos por oferta gentilissima dos editores um livro, elegante de porte, discreto de apresentação, e intitulado simplesmente — *Affonso d'Albuquerque*. Ainda não pudemos referir-nos a ele por falta de occasião propícia. A brochura tem capas amarelas. O titulo é exarado no frontespicio a letras vermelhas. Para repouso conveniente de espiritos, apresamos-nos a elucidar os nossos leitores sobre a indole, intenções e autôr desta publicação. Ainda que muito nos custe a acreditar — não é um poema lirico nem sequer um drama historico, em 4 actos.

Nesta fase de lirismo vadio e dramaturgismo em voga, parece incrível que ainda exista em terras de Portugal homem que tenha a audacia de lançar a publico uma obra séria, ajuizada, proveitosa, de coordenação e investigação historicas. Assim, audacia e coragem manifestou-as, para espanto e engulho das gentes, Antonio Baião — autôr do livro citado — director do Arquivo da Torre do Tombo e secretario da Comissão Academica dos centenarios de Ceuta e de Albuquerque. Este consciencioso escritôr ergue, em evocação, das poeiras dos arquivos, a figura grandiosa, gigantea, dominadora do governadôr das Indias. Modela-o em estatua enorme, vincalhe o aspecto, esboça-lhe o gesto, e faz que em seu redor ajoelhem gerações, contritas e religiosamente admirativas. Descreve-nos, a traços largos, a grandêsa das suas façanhas, e desenrola ao nosso olhar atônito o plano vastissimo das suas concepções.



PARTIDA DE S. S. A. A. PARA CINTRA

A bordo do grande navio «Cap Trafalgar» — cidade magnifica e modernissima em fluctuação — pertencente á companhia de navegação, Hamburg-Sudamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft — viajam, em direcção a Buenos-Ayres, o principe Henrique da Prussia e sua esposa, a princeza Iréne de Hesse. De passagem, desembarcaram no porto de Lisboa, onde eram agnardados por varias entidades officias do nosso paiz e nacionalidades estrangeiras, sendo distinta a representação da colonia alemã. Prestigioso por gerarquia, o principe é singularmente simpatico e insinuante no seu convivio. Almirante em chefe e inspector geral da marinha alemã, dedica-se tambem, com exito, ao automobilismo e aviação applicados ao serviço militar. S. S. A. A. visitaram ainda em diversão Cintra e, breves horas depois, recolheram ao seu navio.

ARTE E HUMOR

Exposição Correia-Dias

Isto, se consegue ensoberbecer-nos altaneiramente no passado aos olhares fitos do estrangeiro, humilha-nos vergonhosamente na actualidade a nossos olhos de lusos descendentes e decadentes. Tudo nos leva a crêr que o trabalho por nós realizado nos princípios do século XVI era superior ás nossas próprias forças. Os primeiros entusiasmos de novidade virtualisaram-nos; ao depois, abatemo-nos necessariamente. Assim, o que era uma razão de vida, tornou-se para nós uma razão de morte.

Agora, discute-se calorosamente nos restaurantes e no parlamento, com solicitude e grandes brados, a questão colonial. Está na ordem do dia, o regimen graciosamente chamado de «porta aberta».

Ribomba, sobre nossas cabeças, imminente, a tempestade — resemos com precaução e devoção os responsorios de Santa-Barbara!

De tempos a tempos, surgiam, a pequeninas lêtras, na imprensa da estranha, noticias incisivas e breves que lavravam em panico nos animos patrióticos da nossa gente. Por vezes, aventava-se, em boatos, que as potencias estrangeiras iam retalhar entre si a posse do nosso dominio colonial. Então, os nossos homens-de-estado erguiam-se, a proposito, com ufania, assoavam-se estrondosamente e num gesto consideravel pacificavam os corações. Nada. Com efeito, as potencias jamais teriam pretensões tão estultas. E' certo. A Sociedade de Geografia não chegou a despertar do seu sono pesadissimo de anos. A metropole continuou com tranquillidade a despachar para as colonias queridas — governadôres e criminosos. E a nossa marinha mantem-se poderosamente e exclusivamente constituída de submarinos — ageis mergulhadôres que em breve rompem pelo mar adentro e nunca mais chegam ao lume d'agua...

Mas recentemente acorrem noticias calamitosas. Em verdade, a estranha pretende apoderar-se do nosso dominio ultramarino. Incendem-se, de fogareus de patriotismo, os animos portugueses. O parlamento açoda-se na discussão.

A nosso vêr, o senadôr, sr. Nunes da Matta, já resolveu o melindroso caso. E' de notar e ponderar o seu experimentado conselho. Diz-nos, ele, em apologo, com pausa e convicção:

«Certo dia, em Azeitão, observou que um escaravelho empurrava a sua característica bola, ou maçã, quando, de subito, um outro escaravelho o assaltou, disputando a posse da bola. Defendeu-se, valentemente o possuidôr da dita bola, que prostrou, de costas, o seu assaltante, mas segundo, terceiro e quarto ataque se seguiram, até que o defensor da sua propriedade tomou uma resolução heroica: subiu para a bola; atacou-a com as suas fortes tenazes; fendeu-a, partiu-a pelo meio; abandonou metade ao seu contendôr e seguiu com o resto, sem tornar a ser incomodado.»

Muito bem!

Sigamos o conselho do sr. Nunes da Matta, isto é, o exemplo do escaravelho...

ANTONIO COBEIRA.



Cem amigos é pouco; um inimigo é muito.

Catálogo plurigótico: arquivoltas góticas no frontespicio, rosácias góticas *idem*; na ante-página, solitário «mudo e só na rocha de granito», não falha um *ex-libris* neogótico; prefácio, escrito pelo Dr. Teixeira de Carvalho, e impresso com letra gótica, — inicial gótica encaixada num retrato *dureresco* do Dr. que escreve, e que fica, desta feita, reduzido á expressão mais gótica de *Homo Litteras*, êle com as enormes barbas brancas a despenharem-se-lhe dos olhos e dos píncaros da idade, — êle, e mais a careca reluzente, como luacheia de Agosto no zenite. Pelo catálogo fóra, erram iniciais de página, vinhetas com reproduções microscópicas, rosácias góticas, cruzinhas de Avis e de Cristo, florezinhas de lis, tudo enclausurado em quadrículas de um pergaminho quinhentista: no fim um outro *ex-libris* do mesmo Correia-Dias. França Amado, livreiro, imprimiu.

Ora o *Catálogo* de uma exposição é como a estampilha da Assistencia: marcam o dia, êle, mais ela. E, para mais, tambem ele mostra, pelo andar, quem vái lá dentro. Por isso a razão da insistencia no descritivo do catálogo, explica o reconhecimento da concordancia entre a significação e o significado.

Correia-Dias é um gótico, e isto nos tempos correntes quere dizer, em rima certa, um exótico. Tem a embriaguês da côr. E' colorista como um veneziano, a misturar o que quere que seja do traço áspero dos vitrais, com a violencia louca de um colorido oriental. Na verdade a aproximação da estética, vem pirncipiar no matiz da cara que Deus houve por bem dar-lhe; escuro mate, como um Árabe, — que admira seja colorista como um ornamentador de Sevilha ou Granada, e tenha na sua arte a voluptuosidade lenta e curvilínea da índole islâmica?

Na exposição apresenta 97 trabalhos. São cartazes, barros, quadrinhos de caricatura e aspectos. Por toda a sala da *Ilustração Portuguesa* a côr desborda, como taça a despejar, de tão cheia com mistura de *Kermans* multicoloridos, que o *Champagne* faz espumear. E' uma orgia! Sáise dali bêbado, e com os olhos ofuscados pelos fulgores mais irritantes. Assim deveria acontecer nas festas de Semiramis, pelos jardins suspensos, e pelos salões acolgados, de Babilônia.

Se não fóra a mania dominante de fundos arquivolentos de vibração crômica, predominando o rôxo e mais côres que produzem oftalmia, o conjunto seria agradável a valer, e a minúcia, de quadro a quadro, ganharia. Assim, a vista doe-se e o exame perde.

Ha falhas de desenho, por vezes; ha exageros irritantes na mancha de caras putrefactas, ou no traço fisionómico. Mas ha coisas muito bem achadas. O traço é estilizado á inglêsa. Estou habituado a vê-lo no *Studium*, nas ilustrações de livro e nas capas dos livreiros do Reino-Unido. Não é para censurar só por isso, — não. Mas quando Correia-Dias anuncia a *Terra-Mãe*, (e seja bemvinda!) devia ser mais filho dessa Mãe; o que não quere dizer que estilize, — que é irritante, — nem que haja traço patriótico, — o que, não sendo necessario, não é conveniente —; antes; sim, tenha mais emoção traduzida, e uma técnica máis simples, máis delicada e poética.

Se Correia-Dias fosse menos cartazista e um pouco menos ilustrador, ganhava imenso. Tem boas virtudes. *Ao correr do lapis* mostra-as e com deliciosa delicadeza. *OZéP'reira* vê-se com agrado, embora se sinta muito de ilustração. *A Mimi Aguglia* e a *Vitaliani*, esta sobre tudo, são esplendidas coisas. *As anforas* são de bom espirito. *O Orpheon de Coimbra* é curiosissimo. *A Provocante* (barro) lembra os barros delicados, de Norberto Correia. Em curvas de graça feminina é onde tem alguma ternura. *Se eu cortasse duas barracas* — é exemplo. Tem porém coisas altamente desagradáveis, em barro e obra de pincel ou pena. Aquêla bonecada de papelão merece palmatória.

E ás ordens estou para a *Terra-Mãe*, onde alguma novidade tenho a dar. Sirva-se...

* * *

Exposição de Pintura e Caricatura:
de Emmerico H. Nunes: Março de 1914

Uma exposição interessante devéras! E' no *Salão Bobone*, ali no Chiado, á mão direita de

toda a gente que em Lisboa põe os pés na rua. Tem setenta quadros bem contados, — e di-lo o Catálogo. Este, de quatro páginas, ostenta no rosto um timbre sugestivo: amorzinho, — de ponto em nú muito rechonchudo, e de perna á láia de fadista, a parra no sitio, — subiu a fazer pedestal no busto marmóreo de Palas; encostou-se-lhe ao hirsuto capacete periclesiano, e vái rindo de garotice nas bochechas rítmicas da mãe das Artes.

Nos vidros da porta de entrada, bem podia ter sido aberto, em boa letra, um grafito com a legenda:

O' tu que váis entrar, aqui ri-se!

Naquêle salãozinho de tradição artistica, ostenta-se, como um livro de crónicas íntimas, a gargalhada límpida e sã de quem sabe rir-se. Nas sessenta e três caricaturas, teem-se outras tantas páginas das memórias de um *rapaz que ri*.

Emmerico Nunes faz o seu humorismo como os poetas metrificam os sonetos de amor. Baila-lhe na frente, contorsionada na linha voluptuosa e farta, galante e divina, a Dona por quem se bate, — a Graça.

Irmanou, em o mesmo prisma de sensibilidade, a alegria e a arte. Deu-lhes delicadeza de renda,



PROBLEMA A RESOLVER

Por Emmerico Nunes

DO «MEGGENDORF-BLATTER, MUNCHEN»

e frescura da espuma ao sol de primavera. Dir-se-ia Cesario Verde transmutado em caricaturista.

Parece que o artista escuta, constantemente como o «Sempre, Nunca» dos réprobos, o mandamento suprémo das *tábuas da lei* da Arte, que deu, não Moisés, mas um irmão seu nas maravilhas, Corot: — *Soyez sincère*. Conseguíu cúmulo tal. E' sincero.

O encanto do humorismo de Emmerico Nunes, provém da honestidade de emoção, da pureza da ideia, e da simplicidade galante da forma. Não busca o efeito facil da legenda, quase sempre escapa á revista de ânno, muitas vezes servindo de rótulo como qualquer marca de fábrica, em carro de linha de costura.

O equilibrio mórfico das anatomias não se dissolve na aberração. Ha proporção de composições, e verdade nas atitudes. A técnica é clara e lógica. A aguarela fica sempre de uma transparencia de luz solar. A côr, ora desperta como um ditirambo em *La Chanson*, ou em o *Drama*, ora se vela numa elegia terna como em *Os parentes da cidade* ou no *Chopin*.

Surgem hinos de luz e côr na *Primavera*, e nas vistas de práia que são numerosas. Encontram-se esplendidos contrastes de jogos luminosos na gradação do *Em paz tranqüila*, onde a marcação da agua é curiosa assás.

Tem, como Guillaume, uma predilecção especial em buscar a forma escultórica e grácil da mulher. *O Banho da Mamã* é um modelo de correcção, e tem o máximo de graça. Lembram as *petites femmes* de Ferdinand Bac. Outro assunto escolhido é o tema irrequieto e inextota-



Arrufos

Por Correia Dias

Nupcial



OITE. Meigo, o Luar vem de mansinho
 Em rondas de silêncio, acarinhando
 A Terra; suas mãos fluidas, de arminho,
 Palpam-na docemente, em gesto brando.

Murmúrios, ais subtis... beijos cantando!...
 Bate meu coração, devagarinho:
 Não perturbes os Noivos; o Amor, quando
 E' profundo, inebria como vinho!...

E a Terra vai tão linda! Aquele veu
 De tão branco embranquece todo o ceu!
 Imensa Catedral, cheia de luz,

O Espaço alinha refulgentes lumes:
 Missa de esposas... Musica... perfumes...
 E, p'ra abençoar, vem então Jesus.

Pedriços — 1914.

Cesar Casqueiro.

ARTE E HUMOR

vel das diabruras infantís. Passam crianças, muitas crianças, que riem e traquinam.

O espirito do humorista não se aguenta muito tempo nos interiores onde põe o scenario de tantos ridículos sociais e domésticos. Emmerico Nunes prefere o ar livre, como bom paisagista que é. Por isso aproveita a moda do turismo, com os grotescos e a paisagem. Por isso também, pinta muitas scenas de praia, e coloca na *Primavera* uma rapariga no cimo de um outeiro fresquíssimo de onde ela vê largos campos além.

Mas no desenho sim que é soberbo. O *Carnaval* atinge o inexcédível. Igualmente sucede *No baile de Mascaras e Nafrisa*. Faz bem vêr isto! E' um consolo.

Ou tem carradas de graça, como na *Carga pesada*, que escangalha de riso o frade mais impenetravel ao bom humor. Ou sublinha com humorismo gentil qualquer expressão, como *Outono*, que alcança o mundo do simbolismo para o amorzinho que, rodeado de um turbilhão de folhas secas, foge aos castelos de nuvens negras que avançam velozes. Claro que é o símbolo de que fala Raffaelli, — *la simplicité et la force chaste triomphant*. . . No *Roubaram-me a farpela* é de apertar a barriga.

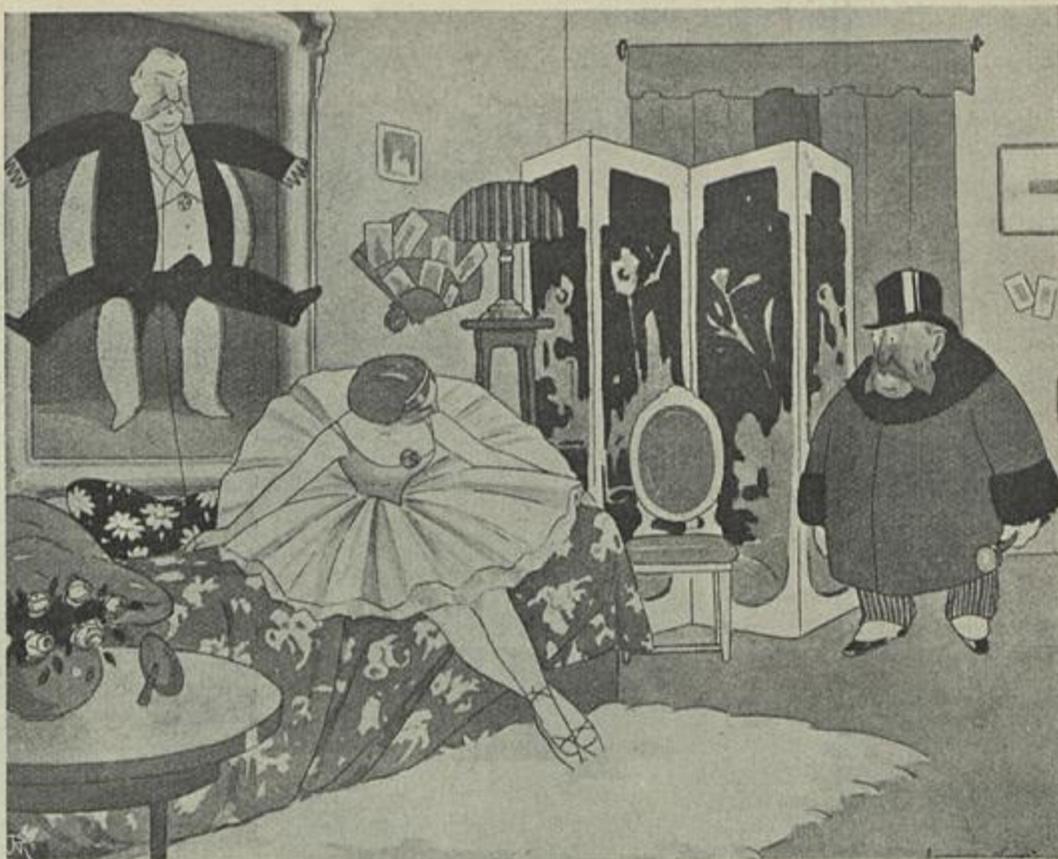
Não ha estilização geométrica. Nem ha personalização agressiva e mórbida. Nem excentricidades lineares, cabalísticas; nem tampouco formas que valham por outra coisa, que não seja o seu valor estético e humorístico.

Assim, sim.

Os trabalhos a óleo são, ou humorismo épico, ou paisagem branda. Da primeira espécie, lá está *Orpheu* numa luz fulva, a dedilhar a lira, a meio dos leões. E' a sátira brusca do classicismo impertinente. Tabem a *Pintora* constituiu um epigrâma delicioso, actual.

De paisagem a óleo penduram-se, pelas paredes, sete quadrinhos. E' pena serem tão poucos! A idiosincrazia do pintor manifesta-se em todo o seu encanto pela vastidão.

Isartahl, Bellevue s/Seine, Regensburg debruçado sobre o Danúbio manso como um lago, teem a largueza de pequeninos «grandes quadros». A tonalidade de luz e as suas espraiações crómicas, as perspectivas extensas e precisas, mostram o autor na posse da sua arte. A emoção



O RETRATO DO BARÃO

Por Emmerico Nunes

DO «MEGGENDORFER-BLATER, MUNCHEN»

que traduzem esses quadrinhos, e os outros que não cito, são bem manifestamente o diapasão da sensibilidade d'este rapaz que sabe rir.

O *Jardim de Luxemburgo*, com a estátua de mármore encaixada na sombra do arvoredado, e com a luz verdejante das copas sobre os nichos sombrios da alameda, era uma revelação, se pu-

desse agora sê-lo. Canta delicadíssima ode ana-créontica ao poder do e Sol da Natureza.

Espero, que Emmerico Nunes, dentro de meia dúzia de anos, com as suas qualidades, conseguirá um nome ambicionado.

LUÍS CHAVES.

PELO MUNDO FÓRA

D'entre os acontecimentos que mais vulto tomaram no mundo politico, durante o mês de Fevereiro, sobresae o *golpe de Estado do Perú*. Não bastava o Mexico, em guerra permanente, cujo desenlace não se sabe quando chegará, não obstante os Estados Unidos terem abertamente auxiliado a revolução, decretando a exportação livre de armas. Póde dizer-se que todo o *Novo Mundo* está soffrendo constantes abalos politicos, accusando uma instabilidade que causa inveja á Europa.

O presidente da republica do Perú foi surpreendido no seu palacio por um brusco levantamento militar; prenderam-no e levaram-no para o porto de *Callao*, obrigando-o a abdicar e a exilar-se. O golpe deu-se em poucas horas, sem nenhum aviso preliminar. A resistencia limitou-se a meia duzia de fieis.

E assim terminou a dictadura do presidente *Guillermo Billinghurst*.

Análoga tentativa foi dirigida em Maio de 1909 contra o presidente *Augusto Leguia*. Os adversarios do presidente cercaram-lhe o palacio e, apossando-se de Leguia, levaram-no á *Praça da Inquisição* para o obrigar a abdicar publicamente. A intervenção opportuna de algumas tropas fieis frustrou o *complot*; mas a situação politica ficou muito perturbada.

A eleição presidencial de Leguia havia sido feita em Maio de 1908, em condições

muito movimentadas. Leguia era o representante do partido constitucional civilista que monopolisava o poder havia muitos annos. A opposição democrata, dirigida por *Durand*, não procurava defrontar-se na lucta em terreno legal; lançava-se na insurreição. E assim, os quatro annos da presidencia de Augusto Leguia foram assignalados por constantes luctas intestinas. Chega-se á campanha presidencial de 1912. Regularmente, o chefe do Estado peruano é eleito directamente pelo suffragio universal. A eleição de Maio de 1912 originou desordens tão graves que o Congresso, composto de duas camaras, annulou os seus resultados, tomando a iniciativa de constituir um governo capaz de dominar as dissensões partidarias. A presidencia foi offerecida a Billinghurst, um dos chefes mais em evidencia da opposição democratica, e a vice-presidencia a *Roberto Leguia*, irmão do presidente de missionario.

Este governo, organizado em face da constituição, devia operar as reformas julgadas indispensaveis, sobretudo a revisão da constituição.

Breve, porém, veio a desillusão. Billinghurst instalou-se a 24 de Setembro de 1912 e pouco depois entra em conflicto com as camaras. Em 24 de Julho de 1913 ha uma tentativa de sublevação que é vigorosamente reprimida, sendo preso o antigo presidente A. Leguia.

Não obstante esse aviso, Billinghurst insiste na sua politica dictatorial. Para se ver livre d'um congresso hostile, tenta dis-

solver as camaras. Estas resistem, e o presidente decide se a mandar prender em massa os parlamentares e amordaçar a imprensa.

O epilogo foi o golpe d'Estado de 4 de Fevereiro, e que representa o esforço conjuncto d'uma parte do Congresso e do exercito para restaurar as formulas constitucionaes inteiramente destruidas por Billinghurst, que persistentemente afastava as classes que melhor consubstanciavam a nação, e se acercara apenas dos que lhe lisongeavam a vontade. Billinghurst dissolvera o Congresso que lhe regeitára o orçamento. Os membros das camaras, reunidos sob a presidencia de Carlos Leguia, irmão do presidente deposto, resolveram-se a defender a constituição. *Augusto Durand*, chefe do partido liberal, poz-se á frente do movimento, e pediu o apoio do exercito, que immediatamente adheriu. O coronel *Benavides* toma o commando das forças, e segue para o palacio presidencial, que dentro de pouco tempo foi occupado por *Augusto Durand*.

Na refrega morreram o presidente do conselho e ministro da guerra e marinha, general *Varela*, e varios officiaes e soldados. Poucos dias depois a cidade de *Lima* readquiria a tranquillidade necessaria para a continuação dos negocios.

O Perú, como se sabe, foi conquistado pelo extremenho *Francisco Pizarro* e por *Diego de Almagro*, no seculo xvi. Tem 1.137:000 kilometros quadrados e uma população de 4.500:000 habitantes. As suas

principaes cidades são: *Lima*, fundada em 1535 pelo alludido Pizarro, *El Callao*, *Arequipa*, *Cuzco* e *Huaraz*. A capital — *Lima* — tem 145:000 habitantes; offerece o aspecto d'uma cidade europeia, com bons theatros, hotéis, hospitaes e escolas. Conta uma universidade, fundada em 1655 e que foi a primeira da America.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

«A Mascara dum Actor»

Cabeças d'expressão

POR

Azevedo Neves

O sr. dr. Azevedo Neves, lente da Faculdade de Medicina de Lisboa, e autor de varias obras scientificas, teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar do seu livro preciosissimo recém-publicado.

Folheámo-lo delectosamente e lemolo, de pronto, na absorção dum alto prazer espirital. Reconhecemos que Augusto Rosa não poderia desejar mais bela consagração aos seus notaveis meritos de actor nas antevesperas da sua festa artistica. Não é uma corbêlha de flôres raras que um admiradôr amigo lhe oferta. É uma aureola que mãos de sabio e de mago souberam tecer em volta da sua frente de eleito.

Sendo, de algum modo, uma obra criteriosa de ciencia, torna-se, em breve, uma obra de arte, sugestiva de traço, rutila de côr, lavrada num estilo de evocação.

Amigo e admiradôr do actor — o dr. Azevedo Neves presta-lhe a homenagem da sua admiração e simpatia. Neste caso, a simpatia e a amizade só conseguiram que o observadôr avançasse em analisis mais e mais lucidamente. Todas as modalidades do talento, todas as facetas do espirito, todas as expressões da fisionomia mental do artista consagrado, são postas em relevo e evidencia com dignidade e precisão. Só por si, o método empregado na urdidura deste livro indica irrefragavelmente a clareza do criterio e poder de intelligencia do seu autor. Consoante declara no prefacio, o sr. dr. Azevedo Neves exclusivamente pretende fazer uma dissertação sobre anatomia, analisando expressões plasticas de grandes sentimentos.

Não assesta a sua lupa sobre a trama teatral. Não pontifica em literaturas. Não realisa uma critica de arte. Sómente convem notar que para realização do seu empreendimento serve-se de varios dados que exorbitam do circulo proprio da anatomia. Se estuda uma feição mimica, observa o estado-de-alma correlativo.

Para examinar convenientemente um tipo escolhido, ajunta, «como socalco, uma resenha da personagem representada, esclarecendo a psicologia e o modelado do gesto.»

Indiquemos um exemplo. Citemos *Sansão*, o drama vigoroso de Bernstein, obra vincada de successo no repertorio de Augusto Rosa que nela conta uma das suas mais formosas criações artisticas. Brachart, o protagonista da peça, é, se não das mais complexas, por certo uma das mais verdadeiras e energicas personalidades do teatro moderno.

Organisação privilegiada de vontade e intelligencia — a sua vida é um lutar sem treguas contra a braveza do meio ambiente e um remover giganteo de obstaculos. Arrosta, tempo em fóra, com todos os perigos que a mão da fatalidade colocou pesadamente no seu caminho. Ergue, bem alto, longe e intacta, a virilidade resistente do seu caracter. Que de comoções plenas não terão vibrado naquele arcaboço forte?... Terrôr, alegria barbara, impetos, cóleras, ameaças, contenção dolorosa de espirito, e confiança superhumana em si proprio, triunfos...

Todos os sentimentos, varios e intensos, vão irradiando cambiantes na mascara impressiva do actor.

Augusto Rosa modela em estatua viva a sombra que Henri Bernstein projeta no nosso espirito.

Levanta-a, em luz, no nosso olhar.

E o sr. dr. Azevedo Neves, pretendendo fazer, a rigor, um estudo da interpretação scenica, dá-nos, em gravura, a galeria de tipos que ao auctor sugeriu o drama. Sobre a mascara aplica o processo anatomico, e revela-nos, minuciosamente, o vestigio das rugas reveladôras. Eis tudo. A titulo de esclarecimento, relata-nos o motivo psicologico.

Em resumo, o livro recémpublicado do illustre professor pôde considerar-se como um tratado de mimica aplicado. Livro preciosissimo! Porventura, é a maior consagração que, até hoje, se fez a actor português.

Roque Gameiro deu a estas paginas a magia encantadôra do seu desenho.

ANTONIO COBEIRA.

O casamento do sr. Dr. Veloso Rebelo encarregado de negocios do Brasil, em Portugal



O SR. DR. ANTONIO TEIXEIRA DE MACEDO CONDUZINDO A NOIVA PELO BRAÇO Á ENTRADA DA IGREJA

O SR. DR. ANIBAL VELOSO REBELO CONDUZINDO PELO BRAÇO SUA ESPOSA Á SAHIDA DA IGREJA

Dia primaveril, 14 de Março, realizou-se o casamento da sr.^a D. Georgina Teixeira de Macedo, gentilissima filha do sr. dr. Arthur Teixeira de Macedo consul geral do Brasil em Lisboa, com o sr. dr. Anibal Veloso Rebelo, conselheiro da legação, e actualmente Encarregado dos Negocios do Brasil. O casamento civil realizou-se em casa do pai da noiva, na Avenida Duque de Loulé; e a cerimonia religiosa efectuou-se com pompa, ás 3 horas da tarde, na Igreja de S. Domingos, sendo padrinho do noivo, o sr. dr. Luiz de Sousa Dantas, ministro do Brasil na Republica Argentina, e madrinha da noiva, madame Alvim da Terra Viana.

Entre a numerosa assistencia notaram-se os srs.: ministro plenipotenciario de Nicaragua e madame Planas Suarez; Encarregado dos negocios da Noruega, capitão de corveta Alvarim da Costa, adido naval da embaixada do Brasil em Portugal; conselheiro Veiga Beirão; dr. Arlindo Correia Leite e esposa; dr. Mario d'Artagão, esposa e cunhada, mademoiselle Silla de Almeida, José Nogueira Pinto e esposa; dr. João de Barros e esposa; conselheiro Terra Viana e esposa; viscondessa da Craça; madame Rita Cau da Costa; mademoiselle Angelina de Noronha; D. Maria Napolés d'Almeida; José Brandão; Manuel Gomes, official d'armada brasileira; dr. Euler de Carvalho e esposa; D. Alvim da Cunha; D. Laura Campos; Joaquim Clington; dr. Vicente Ferrer, vice-consul do Brasil; D. Carlos de Noronha e esposa; D. Josefina de Vasconcellos e filho; senador Vera Cruz e esposa; dr. Decio Sanches Ferreira.

Assistiram tambem ás ceremonias, as madames D. Laura e D. Julia Law, tias da noiva e o sr. Diogo Teixeira de Macedo, irmão da noiva.

Daqui enviamos aos noivos a expressão mais calorosa das nossas felicitações.

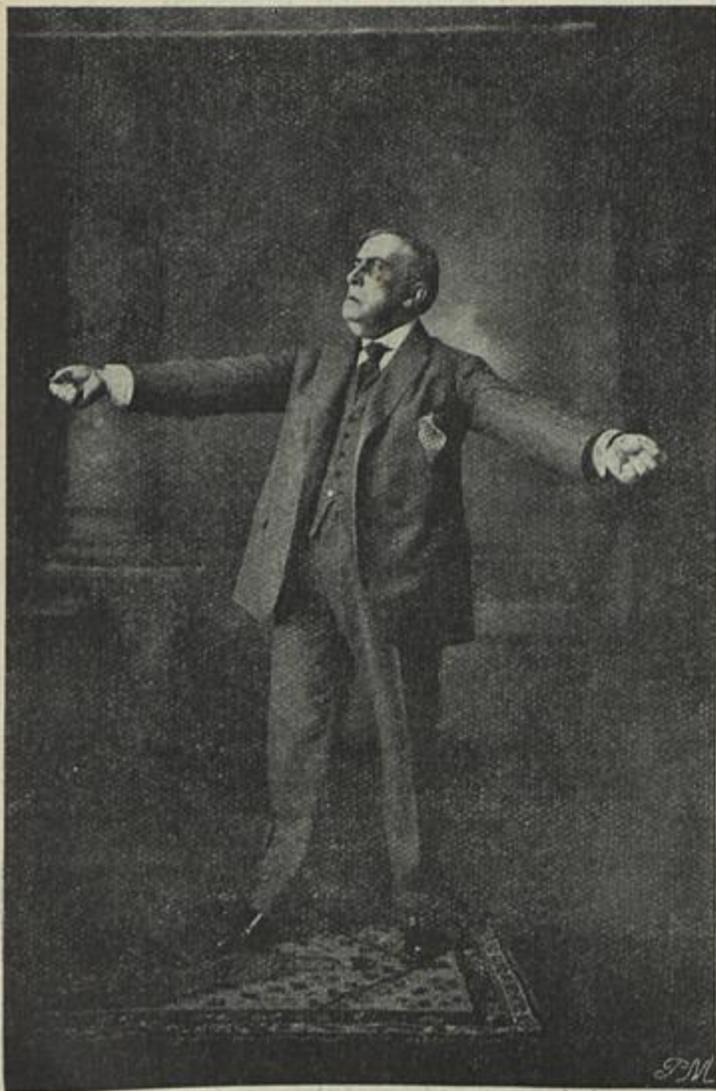
A Mascara d'um Actor (Augusto Rosa)



SIMÃO PÉRES (ATENÇÃO, OUVIR)
(No *D. Afonso VI* — D. João da Camara)



BAUDOUIN (REFLEXÃO)
(No *Apostolo* — P. H. LOYSON)



BRACHART (COLERA, AMEAÇA)
(No *Samsão* — HENRI BERNSTEIN)



FREI PAÇO (RISO FALSO)
(Na *Romagem dos Agravados* — GIL VICENTE)

A Mascara d'um Actor (Augusto Rosa)



HENRIQUE III (RECOLHIMENTO, ORAÇÃO)
(No *Henrique III e sua côrte* — ALEXANDRE DUMAS)



SIMÃO PERES (DESSIMULAÇÃO, PERFIDIA, HUMILDADE)
(No *D. Afonso VI* — D. JOÃO DA CAMARA)



BAUDOUIN (DÔR, ANGUSTIA)
(No *Apostolo* — P. H. LOYSON)



BRACHART (ALEGRIA)
(No *Samsão* — HENRI BERNSTEIN)

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

III

PASSEIO DE OUTOMNO

(Continuado do numero antecedente)

O guarda da egreja, vendo-os de pé, indicou duas cadeiras. A entrada d'elles fez sensação na egreja como acontece nas aldeias onde todos se conhecem. Toda aquella gente de uma sociedade algo modesta, olhava para Fombreuse em virtude da sua bella cabeça e grande cabelleira.

A cerimonia religiosa continuava despertando em Fombreuse um estado d'alma de humildade e orgulho.

O órgão tocou um coral, Fombreuse e Lescourias prestaram logo attenção, mas ficaram immediatamente desapontados.

— Não é o mesmo!

— Foi provavelmente substituido por outro.

Depois da elevação, viram o organista, não ero Walfron Walter!

— Ficámos roubados, disse Lescourias, tenho vontade de pedir a esmola que dei...

— Cala-te.

— Vamos embora.

Sahiram da egreja.

— *Entramos em Paris*, cantarolou Lescourias, como nos *Hugenottes*.

— O melhor é perguntar a alguém, esperemos o fim da missa.

Sahiam da egreja, grupos que permaneciam aqui e ali conversando.

Perguntaram ao guarda:

— O sr. Walter?

— Ha quatro mezes não é nosso organista, com bem pena nossa.

— Onde mora!

— Habitava na rua dos Rondeaux, com o rapaz.

— Qual rapaz?!

— O que o conduzia, era quasi como seu discipulo.

— Rua dos Rondeaux, não é verdade?

— Sim, senhor.

— O numero?

— Não é preciso, é tão conhecido! Basta perguntar pelo cego.

— Muito obrigado.

— Então os senhores visitaram a nossa egreja? Uma das mais velhas de Paris! Foi queimada em... já não sei. Apenas me recordo que o sr. Cura me disse que datava do seculo XIII, se a querem ver melhor...

— Obrigado, disse Lescourias.

Conduziu Fombreuse que, do alto da escada, olhava para a cidade, onde divisava as ruas estreitas, as lojas antigas d'aquelle bairro tão curioso!

— Olha, Fombreuse, se nós almoçassemos aqui? Sejamos povo tambem.

A escolha cahiu n'um café de operarios. Era á hora das refeições. A's mesas estavam varios typos curiosos, correndo as conversas de mesa para mesa com a maxima animação, e os ditos em calão os mais picantes eram coroados por estridentes gargalhadas.

A chegada de Fombreuse e de Lescourias fez uma certa sensação, mas tudo continuou na mesma quando os viram assentar ao lado d'elles!

Ao fundo, um realejo executava umas melodias horriveis que nem os operarios ouviam.

— Estas machinas foram inventadas para moverem a tristeza, disse Fombreuse. Mesmo em dias banhados de sol, não as posso ouvir, sem a minha alma se sentir cheia de tristeza. Mas repara, Lescourias, é sempre a musica a servir de companhia.

Sahiram do restaurante e tomaram a direcção da rua dos Pyrinos, uma rua ingreme, animada de tabernas d'ambos os lados.

A rua Ramus é o centro d'aquellas ruelas sujas em que as casas estavam em relação com toda a pobreza que por alli andava espalhada.

A's portas das casas e das tabernas, homens em mangas de camisa liam os jornaes, comentando em voz alta, uns para os outros, os crimes e os roubos. Pequenos, andavam brincando.

— Qual de vocês me poderá dizer onde mora o cego? perguntou Lescourias.

— O musico?

— Sim, o musico.

— Eu vou ensinar.

— Eu é que respondi primeiro, disse outro com olhar vivo.

Por uma viela entraram na rua Rondeaux.

— E' aqui, disse um dos pequenos, mostrando uma pequena casa de tijolos.

— Parece que se encontra deserta! disse Fombreuse.

Bateram á porta, ninguem respondeu.

— Eu bem dizia, disse um dos pequenos, que elle não estava.

— Olha, Lescourias, esta casa assim dá-me um presentimento de morte.

— Sempre ideias tristes! Talvez a casa do crime.

Bateram novamente á porta; d'uma casa fronteira appareceu a uma janella uma mulher.

— E' o sr. Walter que procuram? Não está ahi.

— Onde mora?!

— Não sei, apenas estou n'essa casa o piano e os moveis.

— Voltará, sem duvida.

— Não creio... todos temos saudades d'elle, tão bom homem! Era um gosto ouvi-lo ás tardes e quando chegava á janella, apesar de cego, o seu olhar era tão vivo! Foi a partida de Fabio que lhe causou tal desgosto...

— Fabio?!

— Sim, um rapaz que vivia com elle; e com elle trabalhava. Um bello rapaz, lindos olhos, cabello preto. Uma rapariga gostou d'elle, como é natural, e a desgraça entrou na casa do pobre cego. Mas desculpem os senhores, não tenho tempo para estar aqui a dar á lingua, tenho arranjos de casa para fazer.

— Mas sabe porque deixou a casa?

— Elle pouco fallava comnosco, passava uma vida retirada. Notámos que Fabio namorisvava a Lucia, encontrando-se com ella ahi por essas ruas. Uma bella manhã, como meu homem se levantasse muito cedo por amor do trabalho na fabrica, viu que o cego tinha ainda accessa a luz do quarto e que passeava agitado pela

casa. Alguma novidade havia... depois, soubemos que Fabio não tinha entrado, e o pobre velho, ao menor, ruido pensava que era elle que chegava! Meu pequeno mais velho foi então perguntar-lhe se queria alguma coisa, mandando-lhe comprar um pão e dois decilitros de leite. Mas na occasião que foi á gaveta buscar dinheiro, não encontrou nada! Fabio desapparecera com o dinheiro. Ah! meus senhores, é preciso ser-se de pedra para não se sentir a alma partir-se de dôr ao ver a afflicção do cego! Nunca mais tocou, nem se deitava, nós é que lhe levavamos alguma coisa para comer. Um bello dia, a casa appareceu fechada, um serralheiro foi arrambar a porta; não estava lá ninguem. Em cima da mesa estava um papel com uns signaes como os cegos sabem fazer...

— Nunca mais o viu? perguntou Fombreuse.

— Nunca...

— E o rapaz?

— O tal Fabio? Uma semana depois, appareceu ahi, eu não estava em casa, pois apesar de ser mulher ainda lhe daria uma lição a esse desavergonhado, esse malandro de má morte. Meu filho levou-lhe a chave, e elle entrou, sahindo d'ahi a pouco com o papel que o cego deixára em cima da mesa. A Lucia esperava-o a distancia, e meu filho ouviu-lhe dizer que o cego não voltava mais. Coitado, os senhores não imaginam como toda esta historia encheu de tristeza cá a gente do sitio. Pobre cego!

(Continúa.)



A Filha do Rajá

(Poema Indiano por Sanches de Frias)

A' gentileza do sr. Visconde Sanches de Frias deve o OCCIDENTE a interessante visita, em uma elegante brochura de 128 paginas, de uma princeza indiana — *A Filha do Rajá*, e á amabilidade da Direcção d'esta Revista mereci o deleite e a leveza do deslizar das horas consumidas em sua agradável leitura.

A ideia inicial do poema foi talvez uma evocação historica sugerida pela lembrança do periodo mais prestigioso do desenvolvimento do nosso poderio n'essas remotas regiões do Oriente. Transparece por algum modo por entre as impressões, que a fabulação do entreccho suggere, uma tenuissima sombra d'esse vulto homerico e venerando cujo nome afirma a existencia do astro que com maior resplendor illuminou o nosso malogrado imperio da India, e lá de tão longe projectou fulgurações que aureolaram de gloria o nome de Portugal.

O autor, em preito a essa inolvidavel gloria, registou-lhe o nome; mas attribuir-lhe uma parte no entreccho da obra seria uma profanação que o poeta intencionalmente quiz e soube evitar.

A Filha do Rajá é uma simples historia de amor, mas de um amor subito, fulminante, irresistivel como raros se encontram, que não se consumam breve na propria intensidade.

Ebdilina, filha de Haldão, Rajá de Goa, quando já esta cidade era em poder de portugueses, e seu pai escolhera Mormugão para base de operações contra estes, sahiu certa manhã em um costumado passeio equestre, e foi repousar em um bosque onde em seu dizer sentia prazer e agrado: quiz a sorte que n'essa hora de repouso a surpreendesse um desconhecido, um estrangeiro gentil e attencioso, talvez um dos nazarenos do occidente, e em hora tal foi o encontro embora casto se não innocente, que deixou aos dois instantanea e profundamente apaixonados. Deixa prever o progresso da historia não ter sido este o unico encontro.

Hidalção tinha entre seus guerreiros um de maior predileção, Nurke perdidamente apaixonado de Ebdilina e a elle o pai a tinha prometido em casamento; e como sua filha obstinadamente se recusasse, desobedecendo ao pai, acceitá-lo por marido, Hidalção reputando criminosa a paixão da filha por um inimigo da sua patria e de sua religião, encerrou-a em rigorosa prisão em uma torre do palacio fortaleza, e como nem assim a convencesse recorreu ás suas faculdades de poder real e condemnou-a á morte, e só por sugestões de Nurke ia deferindo a execução da sentença.

Em um momento de cega ferocidade ia arrebatadamente Hidalção executar a barbara sentença, quando sua mulher percebendo-lhe o intento foi no seu encalço, por um subito impulso de amor maternal quiz detel-o, segurando-o para suspender o golpe que ia ser mortal, e foi ella quem o recebeu. O desastrado incidente suspende o furor do algoz. A execução para mais tarde e quem sabe com que horrores a victima irá ser atormentada?

Zara, a escrava fiel e dedicada á prisioneira, trazia ideado um projecto de libertação; por intermedio de seu namorado o escravo Zako, conseguiu que o irmão d'este o escravo Nulusco propinasse a todo o pessoal do palacio um narcotico, e aberta a prisão todos estes com Ebdilina por sahidas escusas retiraram do palacio e fôram em uma praia afastada embarcar em uma pequena embarcação adrede preparada, entregando-se a Deus e á ventura.

Quando os servos se julgavam em perigo são avistados por uma nau da esquadra portugueza que se dirigia contra Mormugão, e presumindo-os naufragos os recolheu.

O chefe do commando que dirigia a força no sentido de ir libertar a filha de Hidalção, era o official Fernando, o apaixonado de Ebdilina. A ventura foi aos dois propicia e o grande catechista da encantadora Ebdilina para abraçar o christianismo foi o amor.

A fôrma literaria do poema em nada desdiz dos creditos do academico fecundo e primoroso poeta que se revela nos seus numerosos escriptos sob o seu titulo nobiliarchico dados á estampa.

Melhor do que consegui dizer do entrecho do livro, dil-o singelamente o autor n'esta penultima estrophe do seu poema:

«Final todo o resumo
d'esta historia em conclusão
é que o soberbo nababo,
o duro e fero Hidalção,
depois de matar a esposa
entre furias de leão;
depois de perder a filha,
amada por um christão,
deixava de ter a Gôa
e perdia Mormugão.»

Terminada a leitura fica-nos no ouvido a musica, e no cerebro a impressão de que acabamos de saborear um d'esses antigos cancioneiros de que na alma popular deixaram fecundos germen os trovadores medievais.

SILVA MATTOS.

D. Luiz de Castro

Com prazer soubemos que a Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, em sessão da assembleia geral de 13 do corrente, resolveu, por unanimidade, que os membros da mesa se dirigissem ao sr. Ministro da Instrução a pedir a revisão do processo disciplinar que motivou a exoneração do professor do mesmo instituto o sr. D. Luiz de Castro, que tantas vezes tem honrado esta revista com a sua valiosa colaboração.

Achando de todo o ponto justo que essa revisão se faça, livre e isenta de influencias faciosas, associamo-nos á louvavel iniciativa dos estudantes, porque, inteiramente alheios á politica, sempre apreciámos e apreciamos o sr. D. Luiz de Castro — amizade á parte — um dos nossos cientistas de mais valor, muito especialmente na ciencia da economia agricola, a que se tem dedicado de alma e de coração, estudando a fundo as culturas da terra, pugnando pelo seu desenvolvimento com entusiasmo e tenacidade verdadeiramente patriótica.

A verdade desta nossa asserção encontra-se sufficiente documentada nas varias obras publica-



D. LUIS DE CASTRO

das pelo sr. D. Luiz de Castro, que de momento nos occorre citar: *Plantações definitivas e cultura da vinha*, apresentada ao primeiro congresso vinicola; *Produção e cultura do trigo em Portugal*; *O Sindicato Agrícola*; *Rudimentos de agricultura pratica*; *O movimento associativo rural*; *Cronicas agricolas*; *Le Portugal au point de vue agricole*, destinado á Exposição de Paris de 1900, obra monumental, que dirigiu e em que colaborou largamente. De resto são bem conhecidas as suas conferencias publicas sobre questões agricolas, como não é ignorada a maneira levantada como representou Portugal no Congresso Agrícola de Vienna d'Austria, em 1907, onde foi por conta propria, poupando ao seu país a vergonha de ali se não fazer representar oficialmente.

Depois foi, como delegado de Portugal, assistir á inauguração do Instituto Internacional de Agricultura de Roma e, na volta veiu por Paris, onde, na Sociedade Nacional de Agricultura, fez uma brilhante conferencia sobre o desenvolvimento associativo em Portugal e estado financeiro, levantando os créditos do nosso país, conferencia a que uma boa parte da imprensa de Paris se referiu.

Na sua rapida passagem pelo ministerio da agricultura em 1909, como ministro daquela pasta afirmou praticamente muito do que havia exposto em seus escriptos e conferencias, quanto o tempo lhes permitiu.

Do muito que teriamos a dizer é, quanto ao correr da pena, — pois a revista está a entrar na maquina — podêmos aduzir para justificar nossa adesão á levantada ideia dos estudantes.

C. A.

Parques e jardins de Lisboa

Arboretos

III

(Continuado do n.º antecedente)

Se, com efeito, um dos mais interessantes e civilisadores aformoseamentos, quasi surgindo de improviso e até mais aconchegado á fantasia do que dominado pela Arte, e com o qual muito se tem dado á modernisação da capital, o constituem os numerosos trechos ajardinados que mais sobresaem pelos seus fortes e variados aspectos umbrosos; e ainda os breves e não raros *oasis* que em suas articulações a florejam; — eis que, este scenario, — que tanto se corta com a inserção d'outros aspectos que, em parte, o velam e não raro prejudicam, — se, nos seus tantos capitulos e peças, por sua composição concitam á investigação de pormenores singulares, tambem induzem no pensamento a impressão dos

relevo que assinalam obras maiores, ou leva a perscrutar o exito de especiaes labores.

Para que assim seja, e mais n'uns do que n'outros, muito influe a *posição* em que esses jardins se oferecem, e o que lhes dá, a par da sua estrutura botanica, a *côr local*, mais simples ou de mais fracos tons, umas vezes; ou a grandesa das linhas arquiteturaes que se levantam adjacentes a taes arboretos; a viva expressão d'outras côres; a fisionomia, o brilho, as sombras das perspectivas que se lhes defrontam.

Dos mais vastos jardins publicos de Lisboa aos menos espaçosos, e quer de todo em todo se abram ao movimento e bulicio da vida urbana, ou d'elles pouco se apartem; quer os delimitem arremedos ornamentaes, que os assinalam como refugio onde o pensamento mais em si se concentra, e mais fundo se gravam impressões, ou estancia de especiaes quadros botanicos mais mimosos; ahi, em todos esses jardins, se erguem estranhas, caprichosas fôrmas vegetaes exoticas que, em variedade, vão successivamente aumentando, e, para maior contraste, promiscuas com as do indigenato floral arboreo, ou das especies, desde muito aqui aclimadas.

É, principalmente, a flora exotica que mantem mais virentes os ajardinamentos citadinos, mesmo quando, pela denudez d'aqueles outros adornos que só uma nova primavera lhes restituirá, em largas franjas pardacentas se esbate, na perspectiva, a sua massa arborea. Mais do que em nenhum outro, este aspecto se friza, em extensão, na grande arteria da fluctuação da vida urbana — a *Avenida da Liberdade*, onde a notada promiscuidade, ao envolverem-n'a caricias de luz e calor que vem embalando os dias de abril, com elas se arrebatam, e assim estampa contrastes que muito a florejam.

E' a sua hora gloriosa. Romperia mais triunfante, se copiosos labores esteticos se concertassem no portico d'esse edificio, enlaçados ao formoso obelisco que o decora e, com a sua expressão escultural mais vibrante, um sublime sentimento consagra, recordando e fixando maiores fastos da nossa Historia.

E taes são, — nos seus mais eloquentes episodios, — que d'elles tiraria inspiração o cinzel para compôr bem expressivas esculturas mais elevadas. Essas, que recordassem, tratando d'esses episodios, o movimento que se aclamou n'um grito largamente sustentado em prol da independencia patria. Assim abriria, esteticamente historico, o trecho ornamental que precede e se liga á Avenida da Liberdade. Na frente d'esse trecho, e d'um lado, o grupo historico *Philipa de Vilhena e seus filhos*; do outro, n'um symbolismo, a *Voç popular vibrante* (Evora) que acordou energias que se vincaram com o facto da *Restauração*.

Mas falta, ahi, na abertura do extenso trecho, que duplamente se alameda, o ornato de adequado relevo, maiormente expressivo nas suas linhas esculturaes, mais harmonico com o seu desenrolamento, e como que disfarçando, no ponto, a regularidade da sua expansão lateral, e porque não se enlaça, n'uma expressiva coordenação estetica, aos lacetes que flanqueiam essa abertura e vão atingindo outros jardins.

Sucedem-se, uns aos outros, n'essas alamedas, numerosos e compassados *talhões-oasis* onde, e bem antes de surgirem os dias da primavera, adornos floraes se mantem, uns mais varios, outros mais uniformes. Erguem-se, na linha axial d'esses talhões, altas frondes arborescentes, ondeantes, virentes; dispõem-se, n'um e n'outro, açafates floridos mais naturaes, na sua expressão, do que o não é a *mosaicultura* e com os quaes se alinda o relvoso tapete que sob essas frondes da *Phanix canariensis* se estende e elas, com a sua cobertura, concorrem para que se mantenha mimoso.

Expandem-se os tufos de palmeiras, que um tanto se arredondam, sempre em contacto com o solo. São as humildes. Vicejam os arbustos myrtaceos que muito se enfloram.

Vária se oferece a fisionomia d'estes jardins parciaes que, em grande parte da extensão das alamedas, entre elas se dispõem. Como quer que a luz, incidindo sobre os arvoredos, imprima n'esses trechos tonalidades de côr bem distintas, tambem para que assim seja vem concorrendo a situação d'elles; e, com os aspectos arquiteturaes a que se ligam, os diferentes traços da sua composição floral, porventura o *estilo* que recordam, e ainda mais o *genero* que elles desenham. Visto a uma certa luz, é um ornato em que se floreja um mosaico. Resalta, um tanto, com o que se conservou, e antes se fixára no quadro do «Passeio Publico» em que figurou o pitoresco combinado com a feição ornamental tanto ou quanto

italianizada. Massiço de arvores; clareiras ajardinadas em que assentavam plinthos; lagos espolhentos na sua moldura de mármore; implantados penhascos por onde ascendiam trepadeiras vicejantes e simbolicas esculturas decoravam, dominando rasgões no solo para precipitação da água em constante descenso, e na qual encontraria o seu *habitat* uma flora especial, tão prodigiosa em formas e, no seu colorido, bela. Breves, no entanto, esses rasgões, para que ela assim se expandisse e ostentasse.

D'esse quadro floro-ornamental com que se dotára Lisboa, se tirou uma contribuição para arquetetar os primeiros talhões—jardins da Avenida da Liberdade com alguns labores artisticos. Não foi, comtudo, uma contribuição de maior relevo, se bem que assele caracteristicamente esses talhões. Do que *in situ* se conservou, e com outros traços paisagistas, em parte amaneirados por exigencias locais, resulta o maior contraste com o que logo adiante vem compondo os modernos capitulos da extensa alameda.

Colhem-se umas tantas comparações mais interessantes, no seu mosaico floral. Com o esmero que n'ele venha inserindo combinações ridentes, mais naturais, surgirá ainda mais formoso. São as palmeiras que isto lembram. Se graciosos festões a elas se prenderem, engrinaldando as arcarias que as suas frondes entrelaçadas formam, onde o chão que elas cobrem não se atapeta de relva e, na sua mancha, arida de flôres, se dá livre percurso, também imposto por exigencias dos dias festivos, seria sempre mais atraente aquele floreamento pelas voltas e brilho dos seus enleios, no seu conjunto reproduzindo, n'um largo esboço frisante de maiores magnificencias, um trecho de alameda oriental.

Como a flora indigena contribue e concorre para aformosear este quadro, nem, por que se afigure banal, deixa de ter uma feição e côres que incitam a aponta-la.

Ahi surge a *olaia* (*Cercis silisquastrum*) leguminosa arborea de tão soberbo ornamento e em

que, precocemente profusas, rubicundas flôres desabrocham, talvez quentes do cume, por se encontrar refflorindo mais cedo, na veiga, a amendoeira; e logo, em dias de fevereiro, n'outros jardins citadinos, a rosacea, oriunda da região do Caucaso á Anatolia,—*Prunus cerasifera*, também desdobrando o seu alveante manto de flôres, levemente roseas, a denunciarem nupcias.

Junquem, muito embora, copiosas o solo, as flôres da olaia, que elas ainda hão de matizar n'um encanto a volumosa e fechada copa em que se açafatam e brilham, esmaltando a perspectiva da extensa alameda com que se exorna Lisboa.

E' pois, de eleição esta arvore; no ponto de vista ornamental, e, pela sua cobertura, formoso toldo que suavisa as calmas do estio.

Rompem as *acacias*, mais abertas na sua folhagem, mais delicadas, e se aclamam *mimosas*, com as suas inflorescencias em racimo, pendentes, ou niveas ou amareladas, odorantes, duplamente falando aos sentidos. E, de passagem, notemos que entre elas, a par da que por essa distincção assinala a familia, é a *dealbata* e ainda a *sophoroe*, que mais se estimam para o commercio da flôr cortada, que tanto se desenvolve agora no sul da Europa.

Ergue-se o *olmeiro campestre*, menos representado na variedade *pyramidalis* do que na *suberosa*, lançando alto o seu fuste, e a competir com o botão terminal da esbelta e virente conifera-abietina, a Araucaria, que bem perto d'ele desenha o seu porte. E tanto alcançaria o olmeiro, expandindo-se mais livre e menos paciente dos golpes com que o forçam a definir mais cedo a elevação do seu fuste. Mas, nem por isso deixa de estampar no horisonte a sua grandeza com o denso e volumoso enfolhado da sua copa, por outro modo arquetetando um trecho de floresta nos talhões d'esse ajardinamento, onde, em dupla cercadura, domina.

Vem recordando que, no quadro dos colossos da vegetação, figuram antepassados seus, junto dos quais teem passado algumas gerações e que,

ainda hoje, eles ostentam a sua grandesa, n'outros paizes da Europa, tendo por si a defesa que lhes dá o interesse que cativam e também o *culto da arvore*, na sua influencia sobre os usos e costumes.

N'outro talhão da grande arteria enflorada, projecta o seu vulto em pyramide o *Platano oriental*, para aqui transportado, provavelmente, dos viveiros do «Parque do Campo Grande». E' porém o *Platano occidental* o que mais se eleva, d'entre os dois. De elegante porte e pela sua folhagem não menos característica, e assim fixando maiores contrastes, não tem, comtudo, a seu favor geraes simpatias; antes ha quem tenha, publicamente, lembrado substitui-lo por outras essencias florestaes de alto fuste e, n'uma tentativa, porventura, bem aconselhada. Ecco, em todo o caso, de estranhas vozes que vem suscitando a exclusão do Platano do ornato arboreo das cidades, onde, como em Paris, se contam mais de cem mil. Atribue-se-lhe o maleficio de causar opthalmias com as poeiras que solta ao disseminarem-se sementes. Não será isto exagero?

Como a Historia lembra, veneraram-n'o os Lydios, como os Athenienses, a oliveira. E certo é que da sua plantação melhor ordenada, e se caprichos o não deformam, tiram-se singulares efeitos ornamentaes. Aformoseam-se os talhões de remate d'essa dupla linha de jardins e alamedas com a papilionacea *Sophora japonica* de crescimento rapido, e na sua hora de inflorescencia, lindamente decorativa.

Reproduzindo-se, em cercadura, fórma cortejo ás Palmeiras que, em nucleo d'esses talhões, se vão elevando n'uma expansão triunfal, já deixando entrever os efeitos pitorescos sustentados pelas suas frondes em cupula e sobresaindo enlaçadas ás copas mais enfolhadas d'essas papilionaceas e quando n'esse manto se semeiam mais copiosas flôres.

(Continúa.)

F. JULIO BORGES.



NECROLOGIA

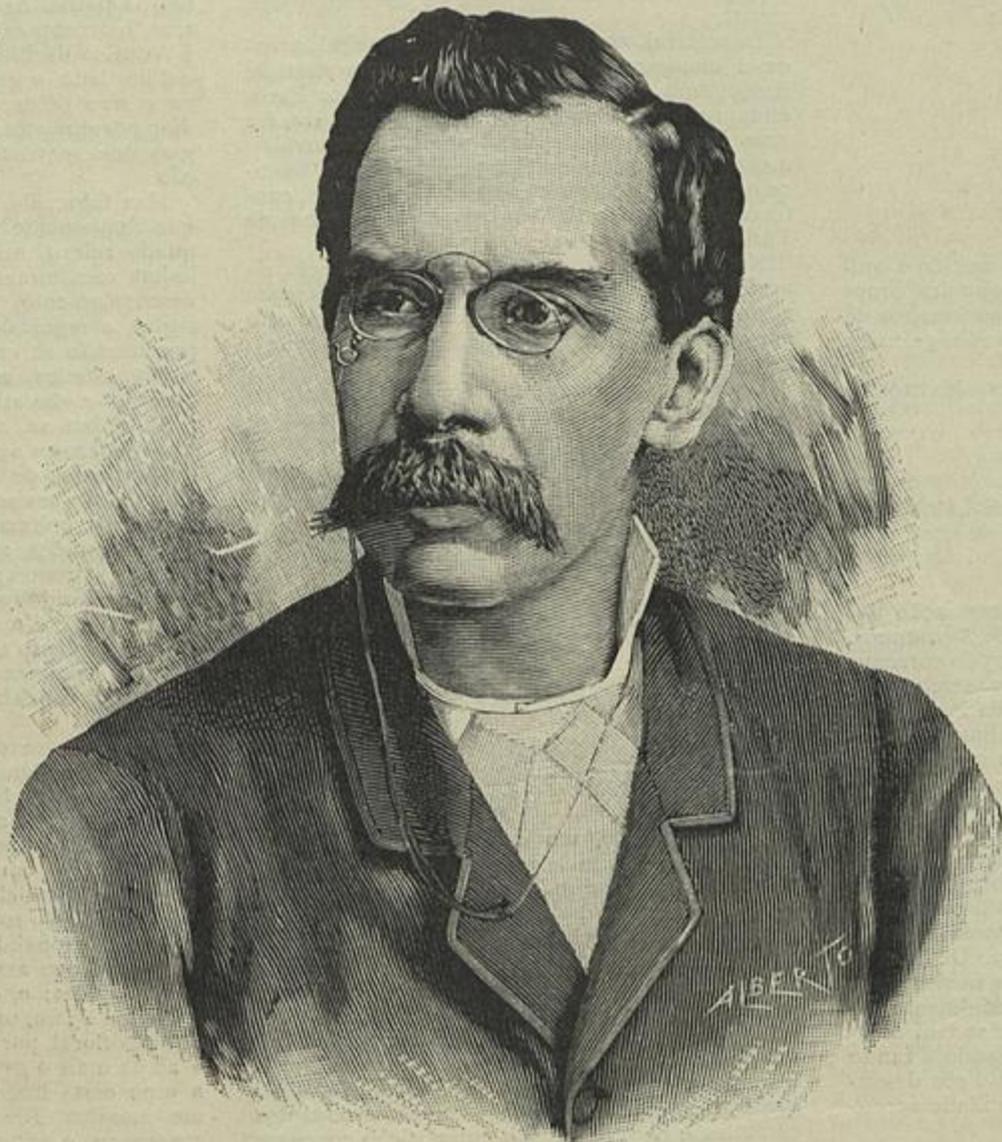
Conselheiro José Luciano de Castro

Faleceu, na sua casa da Anadia, o antigo chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro. A idade avançada, a doença horrivel que o manietava, ha longos anos, a uma cadeira de rodas, desgostos desanimadôres provenientes de sucessos politicos, os ultimos telegramas recebidos, insistentes e dolorosos— tudo nos fazia prevêr, para breve, o fatal desenlace duma vida que dedicára as suas melhores e mais poderosas energias ao serviço do seu paiz.

Descansa, emfim, em paz, o coração do velho lutadôr. A' sombra dos ciprestes do pequenino cemiterio da Anadia, talvez que um vento suave lhe rumoreje confidencia da linda paisagem de Portugal—nunca dos acontecimentos tumultuarios, politicos e sociaes, da nacionalidade que foi a razão suprema da sua existencia.

A esta hora, todos os odios se calam, os antigos despeitos reprimem-se, as velhas intrigas quebram-se, em seu redôr,— e se vozes se erguem, são unanimes em reconhecer ao illustre estadista que foi, qualidades e merecimentos. E' mais uma unidade de valôr que o paiz perdeu, irrevogavelmente, para sempre.

Cremos, ainda não é pos-



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO EM 1900, ÚLTIMA VEZ QUE FOI PRESIDENTE DO CONSELHO

sível, hoje, formular a seu respeito, uma opinião imparcial e avaliar, com independencia, da boa ou má influencia, incontestavelmente poderosissima, que a sua grande energia exerceu sobre a politica portugueza. A Historia, inflexivelmente, desassombroadamente, a seu tempo, falará.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro, nasceu a 14 de Dezembro de 1834, na quinta da Oliveirinha, concelho de Aveiro. Era filho de Francisco Joaquim de Castro Côrte-Real, antigo morgado da casa de Oliveirinha, e de D. Maria Augusta da Silva Menezes, e neto do capitão-mór João de Castro Côrte-Real. Casou, em 4 de Agosto de 1867, com a sr.^a D. Maria Emilia Seabra de Castro, filha do illustre jurisconsulto, autor do Projecto do Codigo do Processo Civil, Alexandre de Seabra.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, estabeleceu banca de advogado no Porto, onde em breve conquistou fama, quer no fóro pelo brilho da sua palavra, e poder da sua argumentação, quer no jornalismo pela perspicacia e vigôr incisivo dos seus artigos politicos.

Foi eleito deputado, pela primeira vez, em 1853 e desde então a politica absorveu-o completamente. A sua actividade tornou-se enorme, intensiva e extensiva, e pôde dizer-se que

em certos momentos ele foi o verdadeiro dominador da politica portugueza.

A sua acção abrangeu todos os campos e exerceu-se, como parlamentar de ataque e argumentação, como estadista, tendo presidido com firmeza e criterio a varios ministerios e como chefe do partido progressista, eleito, apoz a morte do conselheiro Anselmo Braamcamp, em 1885 — por consenso unanime dos seus correligionarios. A sua vida politica distribuiu-se deste modo:

«Legislatura de 1853, de 2 de janeiro a 20 de junho de 1856, pela Feira; 1857, de 2 de janeiro a 2 de março de 1858, pela Feira; 1861, de 30 de maio a 18 de junho de 1864, por Villa Nova de Gaia; 1865, de 2 de janeiro a 15 de maio, por Gaia; ainda em 1865, de 30 de julho a 14 de janeiro de 1868, por Viana do Castelo; 1863, de 26 de abril a 23 de janeiro de 1870, por Aveiro; 1870, de 30 de março a 29 de julho do mesmo ano, por Aveiro e Lisboa; 1870, de 15 de outubro a 3 de junho de 1871, por Anadia; 1871, de 22 de julho a 2 de abril de 1874, por Anadia; 1875, de 2 de janeiro a 4 de março de 1878, por Anadia; 1879, de 2 de janeiro a 28 de agosto, por Anadia; 1880, de 2 de janeiro a 4 de junho, de 1881, por Anadia; 1882, de 2 de janeiro a 24 de março de 1884, por Anadia; e enfim, na legislatura de 14 de dezembro de 1886 a 7 de janeiro de 1887, ainda por Anadia.

Em 31 de março de 1887 foi nomeado par do reino, tomando parte desde então nos trabalhos da camara alta.

Foi ministro da justiça desde 11 de agosto de 1869 a 20 de maio de 1870; do reino desde 1 de junho de 1879 a 25 de março de 1881. Nomeado pela primeira vez presidente do conselho de ministros e ministro do reino em fevereiro de 1886, conservando-se o gabinete até 1890. Em 1897, pela demissão do partido regenerador, foi novamente nomeado presidente do conselho e ministro do reino, conservando-se até 25 de junho de 1900, em que se demitiu.»

Assim como assim, jamais abandonou as suas investigações juridicas, pugnas jornalisticas e locubrações literarias. Seria longo citar os nomes de jornaes em que colaborou ou mais e menos dirigiu. Falta-nos espaço, para convenientemente enumerar as propostas e projectos apresentados ao parlamento, e varias publicações independentes significativas da sua grande agudeza de espirito e acendrado amor patrio.

Em 1863, assumiu o cargo de directôr geral dos proprios nacionaes, onde demonstrou, mais de uma vez, as brilhantes qualidades de que era dotado.

Conselheiro de Estado desde 18 de fevereiro de 1886, em 1892 foi nomeado membro do Supremo Tribunal Administrativo, e mais tarde directôr do Banco do Credito Predial.

Além disto, os seus merito reconhecidos e incontestaveis de jurisconsulto fizeram-no socio da Academia de Jurisprudencia de Madrid e socio honorario da Associação dos Advogados de Lisboa.

Coração forte de combatente — que descanse em paz!



A hygiene e a belleza

Imperfeições de pelle

O assumpto de que vamos tratar, interessa muito ás leitoras que se preocupam com os estragos do tempo e se desconsolam com as imperfeições que deterioram a pureza da côr do seu bello rosto, as sardas, as bexigas e as verrugas. A peor de todas, aquella que provoca maior desgosto e mais difficil de fazer desaparecer, é sem duvida a excrescencia de pêllos.

Entretanto, uma ligeira penugem, interceptando apenas o labio superior, com uma leve sombra azulada, não deixa de ser um bom atractivo que fornece vulgarmente estímulo delicioso n'uma boquinha engraçada, fazendo sobressair o rosado dos labios.

Não se deve pois impedir o desenvolvimento do buço que, no fim de contas, não é senão motivo para sedução n'um bonito semblante.

O uso de emplastos em caso semelhante, só daria resultados deploraveis, por que não destruiriam a penugem inofensiva e a transformariam n'um espesso e cabelludo crescimento para maior contrariedade.

O electuario é hoje muito conhecido, como unico remedio eficaz para fazer desaparecer definitivamente os pêllos da cara. E' sobretudo na America que se deve aos mais celebres e habéis operadores, entre elles M. Gilmore, os numerosos casos de curas radicaes que tem contactado esse notavel especialista.

Ha quem julgue que a applicação do electuario para evitar o crescimento dos pêllos, é uma operação das mais simples. Puro engano; a ninguém se pode aconselhar que ponha em pratica uma tentativa d'essa ordem, nem que a confie a operadores pouco experimentados.

Ha tempos, conhecemos uma formosa actriz, cujos cantos da bôca e o queixo apresentavam pequenas covas. Foi o que deu em resultado haver-se entregue ao tratamento de um medico sem experiencia alguma que, tendo-lhe destruido os pêllos, lhe deixou signaes indeleveis.

Portanto, quem quizer recorrer a esta benefica descoberta, pode preparar em casa os emplastos, que nenhum perigo offerecem e cujo emprego se vae vulgarizando com vantagem.

Eis uma excellente formula: Cal viva, 3 grammas; carbonato de sodio, 6 grammas; lardo, 30 grammas. Misturem-se esses ingredientes, prepare-se o emplastro, colloque-se sobre as regiões affectadas e levante-se de 5 a 10 minutos, segundo a irritação mais ou menos dolorosa da pelle.

O emplastro turco, *rusma*, nunca se deve applicar, por que na sua composição, entram substancias venenosas que só podem produzir efeitos prejudiciaes ao organismo.

Para suavisar a irritação que provoca o emprego de um emplastro, convem untar a parte sensivel com uma pomada de oxydo de estanho, assim preparada: Expremacete, 75 grammas; cêra branca, 30 grammas; oleo de amendoas, 1/4 de litro. Mistura-se em banho maria até ficar na consistencia de um crême e á sexta parte d'esta pomada, junte-se uma parte de oxydo de estanho em pó finissimo. Encorpore-se o pó ao ungoento n'uma terrina ou almofariz. Este remedio emprega-se tambem com vantagem nas intumescencias, erupções humidas e queimadelas.

A aparição d'uma inflamação ao canto dos olhos ou dos labios, causa vivo desgosto á mulher elegante que procura sempre evitar a aproximação da época nefasta, em que pouco a pouco, vae declinando a frescura da sua mocidade e

a marcha do tempo começa implacavelmente a assignalar a passagem pelos annos decorridos, deixando-lhe no rosto os vestigios desagradaveis da decrepitude.

Os sulcos, não são os primeiros indicios d'essa decadencia, a primeira étape dolorosa para a idade madura, disfarçada por mil artificios a que a belleza recorre para manter a sua influencia?

Quem, descobrindo em frente de um espelho, um tenue sulco dilatando-se em torno dos labios ou engelhando as palpebras, não indaga com angustia que magico remedio, que poderosa agua restauradora da belleza e da mocidade, poderá dissipar aquelle ultraje á natureza?

Mas, estimaveis leitoras, as rugas e os pés de galinha são os resultados d'uma indisculpavel negligencia e, como taes, devem attribuir-se aos que ignoram inteiramente os cuidados que reclama o tratamento da pelle, respeitando os bons preceitos da hygiene.

Fundados no estudo do corpo humano e adoptando os escrupulosamente, chegar se-ha á conclusão de retardar indefinidamente a aproximação dos precusores da idade madura.

Tratemos primeiro dos meios que teem apparecido já para a desviar. A massagem com um creme emoliente é prodigioso para restabelecer a firmeza da carne e a elasticidade da pelle. Ha porém outros especificos tanto ou mais efficazes.

Para prevenir as rugas existe uma agua de toilette que reúne propriedades tonicificantes ao mais agradável perfume.

Compõe-se da seguinte formula: Ferve-se 90 grammas de sevada santa pisada, em meio litro d'agua, até ficar cosida; passa-se em cambráia, juntando-lhe 25 gotas de tintura de benjoim. Lave-se o rosto de manhã e á noite com este liquido. Se alguns ligeiros riscos ainda se manifestarem, pode acompanhar-se o tratamento indicado com a applicação d'esta excellente pomada.

Sumo de cebola de flôr de liz, 50 grammas; mel, 15 grammas; cêra branca, 30 grammas; agua de rosas, 12 grammas. Derrete-se o mel e a cêra e junta-se-lhe gradualmente a agua de rosas, adicionada ao sumo da cebola de flôr de liz.

Uma banha magnifica para desvanecer as rugas, tonificando e contrahindo a pelle, prepara-se da seguinte forma:

Incenso pulverisado (olibanum), 160 grammas; benjoim pulverisado, 160 grammas; goma arabica pulverisada, 160 grammas; amendoas dôces pulverisadas, 240 grammas; cravo da India pisado, 80 grammas; nós muscada ralada, 80 grammas; alcool, 240 grammas. Dissolvem-se os tres primeiros ingredientes e junta-se-lhes depois as especies de feculas deixando-se assentar tudo durante 48 horas, agitando de tempos a tempos.



AS ULTIMAS CHEIAS NO RIBATEJO -- UMA RUA DO LUGAR DA TAPADA
Cliché Antonio Ignacio da Silva



AS ULTIMAS CHEIAS DO RIBATEJO — ESTRADA DE ALMEIRIM

(Cliché Antonio Ignacio da Silva)

Juntam-se 45 grammas de agua de rosas pura e filtra-se depois em papel poroso. Molha-se frequentemente o semblante com este liquido e se as rugas levemente se manifestarem ainda, ou os tecidos se contrahirem, emprega-se um pache d'esta mistura.

Todas as noites se poderão pôr paches nos cantos dos olhos para prevenir a terrivel formação dos pés de galinha ou se algumas rugas se

manifestaram já, a fim de atenuar o mal quanto possível.

Que nos perdôe o afamado perfumista e nosso annunciante o sr. Balsemão, cujo estabelecimento da rua dos Retrozeiros é constantemente concorrido pelas senhoras elegantes da melhor sociedade, esta concorrência gratuita que acabamos de fazer aos seus preciosos especificos,

Move-nos porém um desvelado interesse pela

hygiene e belleza do sexo amavel, proporcionando-lhe os meios facéis e economicos de evitar as imperfeições da pelle que podem tornar feios e despresiveis tantos entes formososissimos e loucamente adoraveis.

E elle que lhes acuda, se não souberem manipular as infalveis e proveitosas receitas.

F. S.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação
dos volumes do «OCCIDENTE»

CAPA 800 RÉIS

Capa e encadernação 1\$200 réis

Ha volumes encadernados
para quem
quizer completar
a coleção

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medalhas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilidadade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suiso sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa colleção 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

Casa de Paris

— Rua d'Assunção, 56-LISBOA.—

Grande e variado sortimento de brinquedos, quin-
quilhaerias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ❖ Preço fixo